

“A BELA E A FERA” – AS MULHERES E A POLÍTICA NO DISCURSO MIDIÁTICO

Giulia Mendes Gambassi¹

Thaís Tiemi da Silva Yamasaki²

RESUMO: Neste trabalho iremos analisar duas reportagens feitas no ano de 2016, acerca de Dilma Rousseff e Marcela Temer, para observar quais performances do gênero feminino aparecem na mídia em um contexto (que interpretamos como) de golpe político-midiático e quais são as produções de sentido que emergem desses textos em relação às mulheres neles citadas. Ressaltamos que este artigo foi produzido em contexto de greve de estudantes, funcionários e docentes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que durou de maio a julho de 2016, sendo resultado de discussões feitas no GT: Gênero e Sexualidade, formado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) no primeiro semestre do mesmo ano, coordenado pela Profa. Dra. Isadora Lins França e pela Dra. Carolina Branco Castro Ferreira.

PALAVRAS-CHAVE: estudos de gênero; discurso midiático; análise do discurso; Dilma Rousseff; Marcela Temer.

INTRODUÇÃO

Considerando que gênero, de acordo com Judith Butler, é um gesto performativo que produz significados e que, de acordo com Joan Scott, é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos de Linguagem na Unicamp.
E-mail: giugambassi@gmail.com

² Mestranda em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos de Linguagem na Unicamp.
E-mail: thaís.tiemi.yamasaki@gmail.com

percebidas entre os sexos, sendo uma forma primária de dar significado às relações de poder, pretendemos analisar duas reportagens publicadas no primeiro semestre de 2016, que têm como enfoque Dilma Rousseff, Presidenta da República, e Marcela Temer, Primeira-dama em exercício quando da escrita deste artigo. Ambas foram produzidas a partir de um contexto de golpe³ político-midiático, ocorrido em abril de 2016 e, partindo de uma perspectiva da Análise do Discurso, neste trabalho buscaremos observar quais performances do gênero feminino se dão nesses textos e que possíveis significados são produzidos neles, considerando como o feminino é percebido pelos autores dos textos e como essa percepção dá significado às relações de poder.

Lançamos mão da representação de bela e de fera, tal qual do conto francês “A Bela e a Fera” originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot em 1740, para classificar nossos resultados de análise, levando em conta que esse conto apresenta versões diversas por se adaptar a diferentes momentos sociais, como o que, aqui, estamos inseridos. Longe de buscar um paralelo entre príncipe e princesa e deixando de lado o romantismo, focamo-nos nos estereótipos (ou nas performances) lançados entre os personagens: enquanto vemos que Marcela Temer é, literalmente, retratada como bela, mas também como recatada e do lar, Dilma Rousseff é mostrada como monstro, fera, louca. O antagonismo apresentado tanto no conto quanto nas reportagens que analisamos não é ingênuo ou o caso do destino, mas desenhado para compor uma história, um ato, uma performance que, no caso deste trabalho, se refere ao gênero feminino.

Ainda julgamos importante colocar que entendemos o conceito de acontecimento, assim como consideramos o contexto de um golpe político-midiático: como um evento que produz discursos. Isso é, adotamos a concepção de acontecimento discursivo como “constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos),

³ Interpretamos como “golpe” o processo que levou à admissibilidade do impeachment da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em seu segundo mandato (2015-2018), no qual não foi provado nenhum crime de responsabilidade que, conforme previsto na Constituição Brasileira, justificaria o impedimento de um mandato presidencial.

em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um (...), uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral” (FOUCAULT, 1995, p. 30). Atualmente, observamos a explosão de vários acontecimentos que mostram o quanto as mulheres (além das pessoas indígenas, negras, LGBT, entre outros grupos) estão sendo não apenas colocadas em segundo plano, como também ameaçadas no que concerne aos seus direitos. Entre as várias medidas que Michel Temer aplicou, o Presidente em exercício iniciou seu “mandato” anunciando apenas ministros homens em seu “governo”. Ademais, por meio da mídia, assim como nos conteúdos produzidos por ela, observamos um discurso que maneja determinadas convenções sobre feminilidades e masculinidades em um contexto de relações de poder, sendo que nele podemos verificar assimetrias em relação aos lugares destinados às mulheres e aos homens. Dilma foi o grande alvo desse tipo de discurso, não só nos recortes que aqui trazemos, mas durante todo o seu governo, assim como Marcela, que tampouco escapou desse cenário.

A partir do panorama apresentado e considerando que a mídia tem grande papel, tanto no golpe – cenário deste trabalho – quanto em relação à produção de identidades, é de extrema importância que analisemos e problematizemos o que é dito e não dito nos meios de comunicação, pois as palavras nunca são neutras, tudo que é dito e silenciado é de extrema importância, mas raramente nos damos conta disso.

O objetivo deste trabalho, então, é analisar possíveis efeitos de sentido que duas reportagens evocam naqueles que as leem, no que diz respeito às representações de mulher que são construídas nos e pelos dizeres do discurso midiático. Os textos foram selecionados considerando o contexto no qual se inserem e a forma como variam em sentido, de acordo com as ideologias que os constituem. Ou seja, visamos analisar determinados aspectos presentes no corpus, buscando encontrar marcas de como o gênero⁴ feminino é performado, bem como das relações de poder e de opinião que o cingem, através do léxico utilizado nas

⁴ Entendemos que as performances de gênero, neste trabalho, estão ligadas a posições-sujeito, sendo o sujeito visto enquanto inserido em um contexto histórico-social e o rastreamento de suas marcas no corpus essencial para compreender as produções de sentidos.

matérias. Buscaremos compreender a produção de sentidos por meio da materialidade da linguagem, no caso, das revistas online e a analisaremos não apenas sob o viés linguístico, mas entendendo que o discurso também é engendrado e constituído nas e pelas práticas sociais, relações de poder que são como jogos, pois envolvem estratégias e um ou mais objetivos a serem conquistados (FOUCAULT, 2003, p. 9).

A BELA – MULHER ENQUANTO BELA, RECATADA E DO LAR

Para iniciar a análise, partiremos da polêmica reportagem, escrita por Juliana Linhares para a site da revista *Veja*, publicada em abril de 2016, que causou revolta, principalmente devido ao título: “Bela, recatada e ‘do lar’”^{5,6}. Nesse texto, Marcela Temer, casada com o Presidente em exercício, Michel Temer, é retratada como uma mulher que preza muito pela discrição, pela família e pelo cultivo de sua beleza. Em adição, apesar da reportagem ser sobre ela, são colhidos depoimentos de familiares e profissionais de estética, apagando sua voz e colocando-a num lugar de subserviência e não protagonismo quando de seus desejos e hábitos.

Houve grande mobilização nas redes sociais em geral (Facebook, Instagram, Tumblr e Twitter), tanto refutando quanto endossando o artigo, e a maior parte das respostas que se manifestava contrária ao estereótipo atrelado à Marcela se deu por meio de fotos de mulheres⁷ que mostravam não se limitarem a uma imagem de “bela, recatada e ‘do lar’”, revelando, pelo contrário, que poderiam ser do jeito que quiserem. Mesmo não tendo sido entrevistada, mas alvo de um relato, Marcela Temer foi exposta de forma negativa e recebeu muitas críticas pelo que a reportagem mostra ser seu comportamento, tornando-se alvo de piadas e de rechaço também nas redes sociais.

⁵ Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>. Acesso jun 2016.

⁶ Por se tratar de uma publicação online, não há indicação de número de página a ser referenciado em cada recorte.

⁷ Exemplos disponíveis em: <http://belarecatadaedolar.tumblr.com/>. Acesso ago 2016.

Como objeto de análise, consideramos que a publicação no site da revista *Veja* não deveria ser criticada por trazer como foco as atividades domésticas de Marcela, assim como seus gostos e prioridades, pois há muitas mulheres que optam por trabalhar em suas casas e, nem por isso, são menos relevantes socialmente, mas pela forma panfletária em que esses aspectos foram trazidos à tona. É interessante observar que essa reportagem foi escrita por uma mulher que, além de não se encaixar no padrão “do lar”, por exercer uma atividade profissional que não é doméstica, em detrimento do que foi colocado como exemplo a ser seguido, reforça os parâmetros que endossam certas convenções estereotipadas e normatizadoras do feminino e do que é ser mulher. Frisamos, entretanto, que não consideramos que necessariamente os argumentos apresentados correspondem ao que Linhares toma como norte para si, mas revela uma posição-sujeito que foi produzida considerando o acontecimento em que estava inserida: era benéfico construir uma imagem positiva do, então, Vice-Presidente da República, Michel Temer, com quem Marcela é casada, já que no dia seguinte da publicação da reportagem, o processo de Impeachment seria aprovado na Câmara dos Deputados⁸, aproximando-o de assumir o cargo presidencial como Presidente interino.

Como comentamos anteriormente e veremos no recorte a seguir, a repórter não “dá voz” em nenhum momento à Marcela, mesmo a reportagem sendo sobre ela, buscando, em dizeres de outros, quaisquer representações de sua personalidade e de seus desejos pessoais. Além disso, a autora a coloca em um lugar de subserviência, que faria qualquer um descreer da existência de uma possível sororidade⁹. Mesmo sendo colocada como exemplo a ser seguido, Marcela Temer foi deslegitimada como profissional e retratada como uma pessoa passiva, que segue os interesses de seu marido e de sua família, de forma “recatada”. A seguir, trazemos cinco recortes da reportagem publicada no site da revista *Veja* para analisar como o dizer sobre uma mulher como a Marcela Temer é construído.

⁸ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/a-linha-do-tempo-do-impeachment-de-dilma-ate-agora>. Acesso ago 2016.

⁹ Relação de união, de afeição ou de amizade entre mulheres, semelhante à que idealmente haveria entre irmãs. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/sororidade>. Acesso em ago 2016.

Recorte 1

A quase primeira-dama, **43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice**¹⁰.

Nesse recorte, podemos observar que Marcela é, antes de qualquer atributo, caracterizada pelo fato de ser muito mais jovem que seu marido, ou seja, o primeiro juízo de valor feito sobre ela parte de uma figura masculina. Ela ser casada com alguém do sexo masculino é o fato que a introduz. Em seguida, a reportagem mostra, como sendo muito relevante, que a moça prefere vestidos na altura dos joelhos e não curtos, o que poderia ser entendido como recato por parte de Marcela. Tal imagem beira o vitorianismo¹¹, por representar uma mulher que preza “a moral e os bons costumes”, acompanhada do “clássico” sonho materno que toda mulher tem ou deveria ter, seguindo a lógica apresentada na reportagem. Para refletir sobre essa imagem atribuída à Marcela Temer, retomamos o que Maria Rita Kehl, psicanalista, afirma em seu aclamado livro *Deslocamentos do Feminino* (1998, p. 58):

[...] a feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; partindo daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico – a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade.

O que aparece, então, é Marcela sendo caracterizada por seu lugar como esposa de Michel Temer, tendo-o como referente para qualquer menção a ela, ou seja, por sua juventude em relação a ele, pelo tipo de

¹⁰ Grifo nosso.

¹¹ A era vitoriana (meados do século XIX) foi uma época em que o ocultamento da nudez feminina compunha o padrão estético, e a divisão social de gênero era sobremaneira determinada (ROCHA, 2014, p. 219).

roupa que veste, respeitando o marido, assim como pelo sonho de ser mãe, tendo ele como pai de sua prole. Outras informações poderiam ter sido ditas sobre ela, assim como seus desejos para além das obrigações sociais, mas os atributos apresentados foram escolhidos e não por acaso. É interessante, também, observar o uso da palavra “quase” antes de primeira-dama, visto que a reportagem foi veiculada antes do controverso processo de impeachment ser aprovado pela Câmara dos Deputados, levando, a posteriori, ao afastamento da Presidenta Dilma Rousseff. O recorte temporal de publicação no site da revista *Veja* já é, por si só, um acontecimento, nos termos de Foucault, por preceder, em um dia, o desdobramento do golpe. Se nos arriscarmos a fazer uma crítica mais incisiva, é como se essa reportagem fosse mais um passo dado no golpe político-midiático que tomou forma em maio de 2016.

Recorte 2

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janelinha no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Têmer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, **eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país**”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha.¹²

Reforçando o papel de Marcela, além de esposa de Michel, como mãe, o dizer da “tia Nina”, assim como a reportagem com um todo, não coloca a Primeira-dama em exercício como sujeito da frase ou como detentora de poder decidir o que ocorre em seu próprio corpo. Tomando como pressuposto que expressões de gênero são socialmente construídas na e pela linguagem, notamos que se tentam produzir determinadas vivências e identidades femininas diretamente relacionadas à estética e a um padrão

¹² Grifo nosso.

de beleza nesse recorte. No caso que aqui trazemos, a imagem feminina deve refletir um corpo controlado, sexualizado, fértil e jovem, reforçando, ainda um padrão cisgênero¹³ de “feminilidade”, em que a mulher deve ter uma genitália biologicamente feminina e reprodutora, cabelos longos, maquiagem aplicada em seu rosto, usando salto e vestidos para se encaixar em padrões tidos pela sociedade como femininos. Além de cercar o comportamento de mulheres cis que podem não se identificar com esse padrão, a reportagem acaba por invisibilizar a existência de mulheres trans e travestis, preservando a normatividade em seus dizeres. Entretanto, é premente dizer que

(...) não há uma única feminilidade ou masculinidade com que as mulheres e os homens individuais possam se identificar em seus contextos sociais, mas sim uma variedade de feminilidades e masculinidades possíveis fornecidas pelos discursos concorrentes e contraditórios que existem, e que produzem e são reproduzidos por práticas e instituições sociais. No entanto, a sexualidade está intimamente ligada ao poder, de tal modo que o próprio poder e a própria força são sexualizados, isto é, estão inscritos na diferença de gênero e na hierarquia de gênero (MOORE, 2000, p. 35).

Quando se referem à Marcela como alguém que é bela e usa vestidos em determinado comprimento, não só se evidencia uma tentativa de controlar o feminino, mas como uma mulher só vai ser considerada como tal se se comportar e apresentar de determinada maneira, deslegitimando as diversas expressões do feminino. Todavia, retomamos Moore e enfatizamos que não existe um único modelo ou padrão de feminilidade, mas uma variedade fornecida por discursos concorrentes e contraditórios. Além disso, é tangível o modo como o poder está inscrito na diferença de gênero, quando Marcela é colocada como mulher de Michel, tendo ele como ponto de referência (ex.: “43 anos mais jovem” – R1), endossando, ainda a hierarquia de gênero também trazida à tona por Moore.

¹³ Em estudos de gênero, cisgênero é um termo usado para se referir a pessoas cuja identificação de gênero é a mesma que a designa biologicamente em seu nascimento.

A questão da reprodução nesse recorte mostra, ainda, como é relevante, nessa reportagem, a visão da mulher como geradora e cuidadora de sua prole. Ademais, na reportagem a decisão da gravidez aparece como dependente de outros fatores que não somente a vontade de Marcela, como podemos ver em: “eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”. Ao atrelar a “não-gravidez” de Marcela com a “confusão no país”, produz-se um efeito de sentido de que a crise é muito mais grave do que se imagina e, mais uma vez, colocando as vontades e os desejos de Marcela como inexistentes ou em segundo plano.

Recorte 3

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um **curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo** (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. **Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).**¹⁴

Esse recorte, à primeira vista, poderia destoar da expectativa social de mulher, mãe, dona de casa apresentada até então, ao ser colocada em pauta a vida profissional, fora do lar, de Marcela. Entretanto, a primeira informação apontada na reportagem é a de que ela estudou Direito “sem nunca ter exercido a profissão”. O uso da preposição “sem”, aliada ao advérbio “nunca”, provoca o efeito de sentido de que seu diploma não seria válido ou que a profissão não deveria ser exaltada, já que Marcela não chegou a exercê-la.

¹⁴ Grifos nossos.

Em seguida, salienta-se que o período de trabalho, fora do lar, de Marcela foi “curto”, o que não chegaria a atrapalhar a imagem de “primeira-dama do lar”, pois ela não abandonou seu posto doméstico por muito tempo. Aqui, observamos novamente a construção da associação entre mulher e domesticidade, reforçando um conservadorismo e um recato dignos, novamente, da era vitoriana.

Mais adiante, o enunciado indica que Marcela vive “apenas” para cuidar do filho e da casa, ainda que cuide “um pouco” dela mesma, reforçando uma preocupação padronizada do feminino com a estética e suas normas, pois os parênteses utilizados no excerto, “(nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)”, reforçam a natureza desse cuidado.

Recorte 4

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, **Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”.** **Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”.** Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. **“Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”,** diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. **“Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”,** conta a estilista Martha Medeiros. Marcela é o **braço digital do vice.** Está constantemente de **olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente**¹⁵.

Dando sequência à construção da imagem de Marcela como “bela” e preocupada com estética, foram inseridas falas de seu cabeleireiro e de uma estilista, havendo uma ânsia por controlar a imagem da Primeira-

¹⁵ Grifos nossos.

dama em exercício e por torná-la um ícone. Porém, apesar de ser bela e de ter tudo para ser uma grande “imagem”, é reforçado que Marcela prefere não chamar muita atenção, apesar de em nenhum momento isso ter sido perguntado diretamente a ela.

Duas figuras são mencionadas e usadas como comparativo à Marcela: Athina Onassis e Grace Kelly. Athina Onassis é uma hipista francesa, radicada em São Paulo, neta e descendente de Aristóteles Onassis, lendário armador grego e um dos maiores magnatas da história, sendo a única herdeira de uma fortuna de milhões de dólares. É interessante notar que essa referência poderia trazer um efeito de sentido de classe e elegância para Marcela, se os leitores do texto souberem quem é Athina, reforçando mais uma vez um estereótipo conservador. A menção à Grace Kelly, por sua vez, também não foi feita despreziosamente, pois a atriz americana encerrou sua carreira ao se casar com o príncipe de Mônaco e, apesar de ainda ser lembrada por suas atuações, é considerada, principalmente, um ícone de moda e beleza e referida como princesa de Mônaco – titulação que a atrela a seu marido –, mais uma vez trazendo a questão da imagem como algo principal para uma mulher ser “notável”.

No parágrafo seguinte, Marcela é colocada enquanto braço digital de Michel Temer. Da forma que o fato é apresentado na reportagem, parece que a mulher é parte do homem e não uma pessoa, como se fosse uma prótese ou uma continuação de Temer. Além disso, ela não apenas cuida da casa e da família, mas também administra e se mantém informada sobre o que acontece nas redes sociais, sendo o centro de sua vida e de suas atenções, o marido. A objetificação de Marcela, no entanto, não é feita só como prótese ou “braço digital”, na reportagem publicada no site da revista *Veja*, a Primeira-dama em exercício tem o papel de manter o marido informado sobre a temperatura do ambiente online, sendo não só um braço, mas também um termômetro.

Recorte 5

Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, **Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer**. Amigos do vice contam que, **ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo”** – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular.

Para falar da mãe de Marcela, são utilizados, novamente, adjetivos relativos à sua aparência (adequada aos padrões de beleza), sendo ainda mencionada por conta do primeiro encontro de Marcela, então adolescente, com Temer. Observamos que a todo momento a Primeira-dama em exercício é colocada como subserviente, dependente de alguém, nunca autônoma, se quer para dizer de si em uma reportagem sobre ela. Além disso, uma relação intergeracional levantaria suspeitas e reprovação, caso se tratasse de uma mulher mais velha com um rapaz mais novo, ou se fosse um relacionamento homoafetivo com essa diferença de idade. Mesmo considerando que não deveria haver comentários ou reprovações em casos como esse, não podemos deixar de notar que aqui, além da visão estereotipada de uma mulher padrão, o gênero é usado politicamente, sendo “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86), ou seja, se o feminino não estivesse em posição inferior ao masculino, haveria comentários, estranhamentos e chacotas desse relacionamento.

Por fim, é desenhada uma imagem “bonita” acerca de Temer como patriarca trabalhador e responsável que, após o labor, toma vinho e fuma charuto, mas “mergulha num outro mundo” quando entra em contato com a esposa que, pelo que parece, nada tem a ver com o trabalho (sendo que foi dito que Marcela se mantém atualizada nas redes sociais e tem sua vida toda condicionada por conta do trabalho do marido). Além disso, a reportagem, que pretendia ser sobre a moça, orbita, a cada linha, em um universo com Temer como ponto central e acaba dando valor ao homem em questão, mesmo falando de sua esposa.

Nessa reportagem, então, podemos observar um exemplo do quanto existem modelos aceitos e recomendados amplamente pela sociedade, que tentam padronizar as mulheres, privilegiando determinada estética, assim como beneficiando um comportamento que poderia ser considerado como submisso, estabelecendo um papel doméstico à Marcela. A reportagem, em seu conteúdo, parece ditar como as mulheres devem ser circunscritas ao espaço da domesticidade, tendo a Primeira-dama em exercício como modelo a ser seguido.

Ressaltamos novamente que, apesar da matéria ser sobre Marcela, ela não foi entrevistada. Quando se fala de seu passado, de seus desejos e preocupações atuais ou de seu futuro, não há falas dela, mas apenas a de familiares (a tia, a irmã e a mãe) e de profissionais da beleza (cabeleireiro e estilista), tendo espaço até para os “amigos do vice”. É o discurso do outro que constitui uma representação sobre Marcela e isso poderia funcionar como um recurso da reportagem, para fugir a uma possível culpabilização da moça. Mesmo sendo uma mulher branca, dentro dos padrões cisgênero e de uma classe social alta, sua voz é silenciada brutalmente, afinal,

[o] gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia e na organização política, que, pelo menos em nossa sociedade, operam atualmente de maneira amplamente independente do parentesco (SCOTT, 1995, p. 87).

A performance do feminino, então, nessa reportagem e cerceada por normas regulatórias, que se apresentam no texto, mas que também são reforçados tanto pelo parentesco (tia, irmã, mãe) quanto por fatores econômicos e políticos, como aponta Scott. Na introdução de seu livro *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*, Judith Butler coloca que normas regulatórias teriam a finalidade de assegurar o funcionamento da hegemonia heterossexual, na formação daquilo que pode ser legitimamente considerado como um corpo viável. Logo, qual corpo seria mais viável, qual corpo importaria ou pesaria mais do que o da Primeira-dama em exercício bela, recatada e do lar na sociedade contemporânea?

A FERA – A MULHER ENQUANTO LOUCA

O site da revista *IstoÉ* publicou uma reportagem extensa sobre a Presidenta Dilma Rousseff, escrita por Sérgio Pardellas e Débora Bergamasco, intitulada “Uma presidente fora de si”^{16,17}, publicada em abril de 2016. Nela, a Presidenta é taxada como louca e a revista traz com caráter de denúncia “o descontrole da presidente”. Nota-se, já de início, o desrespeito para com a vontade de Dilma de ser chamada de Presidenta nessa reportagem, apesar da palavra ser dicionarizada desde 1872. A associação entre a mulher e a loucura não vem de hoje, já que desde a época vitoriana muitas mulheres são classificadas como histéricas¹⁸. Entretanto, essa colocação da mulher como louca não ficou no passado. Ainda nos dias de hoje observamos inúmeros casos de *gaslighting*¹⁹, sendo que o descontrole, a desestabilidade emocional e os surtos são sempre associados ao feminino. Exemplos desse “fenômeno” podem ser observados nos dez recortes que trazemos a seguir.

Recorte 1

Bastidores do Planalto nos últimos dias mostram que **a iminência do afastamento fez com que Dilma perdesse o equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país.**²⁰

¹⁶ Disponível em http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/. Acesso em jun 2016.

¹⁷ Por se tratar de uma publicação online, não há indicação de número de página a ser referenciado em cada recorte.

¹⁸ A palavra “histeria” vem do grego e significa “útero”.

¹⁹ *Gaslighting* é considerado “uma forma de abuso psicológico no qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas para favorecer o abusador ou simplesmente inventadas com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade”, disponível em: <http://lugardemulher.com.br/precisamos-falar-sobre-gaslighting/>.

²⁰ Grifo nosso.

Logo no início da reportagem é colocada a “iminência” do afastamento do posto presidencial, como motivo pelo qual Dilma teria “perdido o equilíbrio” e as “condições emocionais” para conduzir o país. Essas primeiras colocações se contradizem no restante da reportagem, pois, ao longo do texto, é posto que a Presidenta sempre fora “descontrolada” e “agressiva”, logo, não poderia ter perdido algo que, de acordo com a publicação, nunca teve. A falta de sustentação de argumentos, como a que acabamos de apresentar, é recorrente, visto que as premissas elencadas se baseiam em relatos de fontes não especificadas ou simplesmente em opiniões.

Começamos por questionar o que seria “perder o equilíbrio”? Seria ele possível ou igual para todos? Quais seriam as condições emocionais adequadas para conduzir um país? O texto não apresenta esses parâmetros nem se preocupa em embasá-los, pois são construídos a partir da ideia de que Dilma está “fora de si”, o que ganha força pela crença cultural de que mulheres são loucas e/ou estão de TPM. Tal colocação poderia ter como propósito afirmar que a Presidenta está mentalmente incapacitada de exercer a função para a qual foi legitimamente eleita, podendo ser um subterfúgio para apoiar o impedimento de sua função.

A proposta da reportagem, como veremos adiante, é fazer uma análise psicológica da presidenta, o que poderia ser considerado tendencioso, visto que autores do texto não têm conhecimento na área ou contato suficiente com a pessoa em questão para fazê-la. Ressaltamos, como fizemos na análise da reportagem veiculada no site da revista *Veja*, que não consideramos que necessariamente os argumentos apresentados pelos autores desse texto correspondem a uma versão fidedigna de suas opiniões, mas eles revelam uma posição-sujeito que foi produzida considerando o acontecimento em que estava inserida: era necessário ressaltar a falta de competência (emocional e/ou profissional) para justificar ou tornar mais palatável o processo de impedimento da Presidenta.

Ademais, esse processo de apuração sanatório-mental não foi feito com nenhum Presidente que apresentasse as mesmas e até mais intensas “explosões”, como o Deputado Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara

dos Deputados e seus ataques de ira²¹, sendo que ele talvez tenha mostrado tanto ou mais “desequilíbrio” emocional que Dilma Rousseff em épocas concomitantes.

Recorte 2

Os últimos dias no Planalto têm sido marcados **por momentos de extrema tensão e absoluta desordem com uma presidente da República dominada por sucessivas explosões nervosas, quando, além de destempero, exhibe total desconexão com a realidade do País.** Não bastassem as crises moral, política e econômica, **Dilma Rousseff perdeu também as condições emocionais para conduzir o governo.** Assessores palacianos, mesmo os já acostumados com a **descompostura presidencial**, andam aturdidos com o seu comportamento às vésperas da votação do impeachment pelo Congresso. Segundo relatos, a mandatária está irascível, **fora de si e mais agressiva do que nunca. Lembra o Lula** dos grampos em seus impropérios. Na última semana, a presidente mandou eliminar jornais e revistas do seu gabinete. Agora, contenta-se com o clipping resumido por um de seus subordinados. Mesmo assim, **dispara palavrões aos borbotões a cada nova e frequente má notícia recebida.** Por isso, os mais próximos da presidente têm evitado tecer comentários sobre a evolução do processo de impeachment. **Nem com Lula** as conversas têm sido amenas. Num de seus **acessos** recentes, **Dilma reclamou** dos que classificou de “traidores” e prometeu “vingança”. Numa conversa com um assessor, na semana passada, **a presidente investiu pesado contra o juiz Sérgio Moro**, da Lava Jato. “Quem esse menino pensa que é? Um dia ele ainda vai pagar pelo que vem fazendo”, disse. Há duas semanas, ao receber a informação da chamada “delação definitiva” em negociação por executivos da Odebrecht, Dilma teria, segundo o testemunho de um **integrante do primeiro escalão do**

²¹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/temer-tenta-evitar-ira-de-cunha-pede-ao-presidente-da-camara-que-reduza-ataques-ao-governo-17280142>. Acesso ago 2016.

governo, avariado um móvel de seu gabinete, depois de emitir uma série de **xingamentos**. Para tentar aplacar as crises, cada vez mais recorrentes, **a presidente tem sido medicada com dois remédios ministrados a ela desde a eclosão do seu processo de afastamento: rivotril e olanzapina, este último usado para esquizofrenia, mas com efeito calmante. A medicação nem sempre apresenta eficácia, como é possível notar**²².

O primeiro trecho a ser analisado diz “os últimos dias no Planalto têm sido marcados por momentos de extrema tensão e absoluta desordem com uma presidente da República dominada por sucessivas explosões nervosas, quando, além de destempero, exibe total desconexão com a realidade do País”, provocando um efeito de sentido de que essa tensão e essa desordem teriam causa específica, estando atrelados à Presidenta, colocando o peso dessas palavras, já de início, vinculado aos supostos “problemas emocionais” de Dilma. Quando Rousseff é citada como “uma presidente da República dominada por sucessivas explosões nervosas” que “além de destempero, exibe total desconexão com a realidade do País”, podemos ver o estereótipo de mulher histérica que tem “explosões nervosas” tomando corpo, afastando a Presidenta da seriedade esperada por alguém que ocupa seu cargo. Entretanto, novamente, os autores caem em contradição: ora, se Dilma está desequilibrada por conta da “iminência” do afastamento, como poderia estar desconectada da realidade do país se esse afastamento está totalmente ligado a ela? A pouca preocupação em apresentar argumentos bem estruturados e muito interesse em fazer um grande espetáculo, se fazem presentes novamente na reportagem, marcando mais uma posição-sujeito nesse grande acontecimento que é o golpe político-midiático de 2016.

Adiante, a Presidenta é colocada como a única responsável pela crise moral, política e econômica do Brasil, sem referência às outras esferas do poder que tornaram possível a instauração da citada e aclamada crise. Ao citar uma crise “moral”, a reportagem nos convida a revisitar

²² Grifos nossos.

alguns momentos da empreitada de Dilma como Presidenta, pois, desde as eleições até o processo de impeachment, um questionamento comportamental e moral vem sendo feito, logo, nesse ponto, a dupla autoral dessa extensa incoerência documental, peca pela repetição de argumentos já cansados de serem esticados e explorados por outros contudistas. Esse questionamento comportamental e moral abrange: (i) sua imagem, pelo fato da Presidenta não se encaixar no padrão social e estético esperado; (ii) sua sexualidade, pois, por ser separada e não aparentar ter um parceiro, já se deduz que Dilma é homossexual, logo, ela estaria escondendo isso de todos, considerando que tal “abominável” comportamento fugiria mais ainda das normas regulatórias heterocêntricas; (iii) sua família, considerando seu divórcio e os possíveis e nefastos motivos para tal, como sua pretensa homossexualidade; (iv) sua competência, afinal, uma mulher com sua experiência política, tendo sido Secretária da Fazenda, Diretora-geral da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, Presidente da FEE (Fundação de Economia e Estatística), Secretária de Minas, Energia e Comunicações do governo Collares e do governo Dutra no Rio Grande do Sul e Ministra de Minas e Energia, não era digna de confiança para exercer um cargo executivo; (v) seu papel como mulher, já que ela foge dos padrões esperados e aceitos na sociedade tanto de comportamento quanto de carreira e de estética; e (vi) sua idoneidade, mesmo que não haja nenhuma prova ou citação da Presidenta em casos de corrupção, afinal, se uma mulher como ela chegou à presidência, deve ter feito isso de maneira ilegal. Mesmo que essa crise moral, citada na reportagem, se remetesse somente à corrupção, o argumento apresentado teria sido construído sobre falsas acusações e informações batidas, desgastadas e repetidas anos a fio.

A reportagem segue com nova menção a uma pretensa “descompostura” de Dilma, agora sendo atribuído o adjetivo “presidencial”. Por mais que busquemos apreender o efeito de sentido possivelmente pretendido, deparamo-nos com alguns questionamentos: o que seria uma descompostura presidencial? Uma descompostura relativa à presidência? Se assim for, então o problema não está atrelado à pessoa de Dilma, mas ao cargo de presidente ou até ao próprio sistema presidencialista.

A reportagem volta a apresentar sinais de contradição e o inconsciente dos autores parece emergir na materialidade linguística numa possível e perigosa crítica ao sistema presidencialista como um todo.

Referindo-se, em seguida, ao Presidente Lula, a publicação feita no site da revista *IstoÉ* apela para a comparação de supostas atitudes de Dilma com Lula durante a famigerada conversa telefônica grampeada²³. A associação, como é de se esperar, não foi feita por acaso, visto que Lula está sendo alvo de investigações acerca de corrupção e que há uma tentativa incansável de vincular a figura da Presidenta aos processos de desvio e roubo de dinheiro público, como mencionamos anteriormente.

Até mesmo a medicação que a presidenta usa é alvo de análise e crítica, como vemos em “rivotril e olanzapina, este último usado para esquizofrenia”. Além de ser curioso o fato de saberem quais medicamentos a presidenta usa e considerarem seu uso relevante para a reportagem, é notável que a mídia busque se prestar a um papel patologizante, tão criticado ultimamente. É apresentada, com tom desrespeitoso, uma crítica à saúde mental de qualquer pessoa que utilize esses medicamentos. Rivotril, por exemplo, é um dos medicamentos mais utilizados no Brasil, com tiragem de 23 milhões de caixas em 2015²⁴. Se realmente os usuários desse medicamento estiverem “fora de si”, os autores do texto estariam impiedosa e corajosamente desafiando “loucos” de grande escalão a tirarem satisfações no QG da *IstoÉ*.

Como a matéria é repetitiva, nos atentemos ao léxico e às construções verbais utilizadas para caracterizar a “presidente fora de si”, no recorte a seguir:

Recorte 3

(...) fora de si e mais agressiva do que nunca; dispara palavrões aos borbotões a cada nova e frequente má notícia recebida; num de seus acessos recentes; reclamou dos que classificou

²³ Em março de 2016, houve o vazamento de uma conversa grampeada entre o Presidente Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/03/grampos-indicam-que-lula-atuava-para-fim-de-vazamentos-na-lava-jato.html>.

²⁴ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/saude/rivotril-a-droga-da-paz-quimica-3659.html>. Acesso jul 2016.

de “traidores” e prometeu ‘vingança’; a presidente investiu pesado contra o juiz Sérgio Moro, da Lava Jato; depois de emitir uma série de xingamentos; não demonstra paciência nem mesmo para esperar o avião presidencial etc.

Observamos que as acusações em geral atestam que a Presidenta está agressiva, falando palavrões, tendo acessos, xingando e sem paciência para esperar um avião. Para tornar a crítica ainda mais “consistente”, incluem que Dilma “investiu pesado” contra o tão aclamado juiz Sérgio Moro, argumento que vem reforçar um desmonte da figura da Presidenta, já que Moro é visto como um herói por grande parcela da população. Vemos, nesse trecho, mais um estereótipo feminino, que coloca que a mulher jamais pode xingar, não ter paciência e falar palavrões, o que seria normal para um homem, mas inaceitável nas normas regulatórias do que é ser mulher. Ademais, a impressão passada é a de que Dilma é a única presidente que já se encaixou no que se considera “fora de si”, que fala palavrões, xinga e não tem paciência para esperar aviões. Seria interessante que esse, ou outro veículo midiático, fizesse uma análise tão esmiuçada das sessões da Câmara dos Deputados, por exemplo, nas quais vemos deputados agindo de forma infantil e “histérica”, cantando, defendendo os militares ou a memória de torturadores, chamando colegas para “colocar a mão para cima” caso votassem a favor do impedimento, até mesmo convocando suas famílias²⁵ e Deus, apesar do Estado ser supostamente laico, no momento de votar contra ou a favor do processo de impeachment de Dilma. Além disso, na maioria dos votos favoráveis ao impedimento da Presidenta não se falou da matéria em questão, que era o crime de responsabilidade. Os votos foram justificados quase com um “porque eu quis” ou “porque sim”. Caso uma análise desses votos fosse feita, acreditamos que esse acontecimento daria oportunidade para posições-sujeito interessantes se mostrarem no discurso midiático.

²⁵ Considerando a tradicional família heteronormativa brasileira.

Recorte 4

O modelo consagrado pela renomada psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross descreve cinco estágios pelo qual as pessoas atravessam ao lidar com a perda ou a proximidade dela. São eles a negação, a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. Por ora, Dilma oscila entre os dois primeiros estágios. **Além dos surtos de raiva, a presidente, segundo relatos de seus auxiliares, apresenta uma espécie de negação da realidade.**²⁶

Nesse recorte, podemos ver que os jornalistas buscam, finalmente, dar uma pequena sustentação às suas críticas (embasadas em comentários não citados de terceiros), utilizando o modelo da psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross que diz respeito aos cinco estágios do luto²⁷. A tentativa da revista de encaixar as atitudes de Dilma nesses estágios, como se eles realmente fossem como o descrito na reportagem, algo banal e generalizante, converge no ensaio de psicologizar a presidenta e seus “sintomas”. Tal, buscando, mais uma vez, passar a imagem de Dilma como alguém que não teria mais capacidades de governar o país, sendo o impedimento (ou uma internação psiquiátrica) a única forma de salvar o Brasil.

Recorte 5

Aos integrantes do núcleo político, Dilma deixa transparecer que não lhe importa mais a opinião pública. **Seu objetivo é seguir no posto a todo e qualquer custo e, se lograr êxito, punir aqueles que considera hoje seus mais ferozes inimigos.**

Nesse trecho, há uma tentativa de criar uma imagem de vilã para Dilma, aliada à figura de louca, construída no decorrer da reportagem, mostrando-a como uma general ou figura de oficial do exército que, em

²⁶ Grifos nossos.

²⁷ Disponível em: <http://psychologicalkingdom.blogspot.com.br/2011/06/as-cinco-fases-do-luto.html>. Acesso ago 2016.

situação de guerra, puniria seus inimigos. Todavia, seguindo o texto, eles tomam a imagem de um general como modelo perfeito de governante, causando desentendimento ou dúvida nessa controversa mudança de posicionamento perante uma postura mais agressiva:

Recorte 6

É bem verdade que Dilma nunca se caracterizou por ser uma pessoa lhana no trato com os subordinados. Mas não precisa ser psicanalista para perceber que, nas últimas semanas, a presidente desmantelou-se emocionalmente. Um governante, ou mesmo um líder, é colocado à prova exatamente nas crises. E, hoje, ela não é nem uma coisa nem outra. A autoridade se esvai quando seu exercício exige exacerbar no tom, com gritos, berros e ofensas. Helmuth von Moltke, **chefe do Estado-Maior do Exército prussiano**, depois de aposentado, concedeu uma entrevista que deveria servir de exemplo para governantes que se pretendam grandes líderes. Perguntado como se sentia como um **general invicto e o mais bem-sucedido militar da segunda metade do século XIX**, Moltke respondeu de pronto: “Não se pode dizer que sou o mais bem-sucedido. Só se pode dizer isso de um grande general, quando ele foi testado na derrota e na retirada. Aí se mostram os grandes generais, os grandes líderes e os grandes estadistas”. **Na retirada, Dilma sucumbiu ao teste a que Moltke se refere. Os surtos, os seguidos destemperos e a negação da realidade revelam uma presidente completamente fora do eixo e incapaz de gerir o País.**²⁸

Devido ao fato de terem se passado somente 31 anos do fim da ditadura, pode ter havido certa confusão no momento de tecer paralelos entre o governo de Dilma e o do Estado-Maior do exército prussiano. O leitor da reportagem poderia ainda ficar confuso ao ver a figura de um homem general como um bom parâmetro para um governante

²⁸ Grifos nossos.

bem-sucedido em uma democracia, sabendo que, muito recentemente, estávamos sofrendo o terror e os abusos de uma ditadura militar, mas esse tipo de deslize é recorrente nessa reportagem. Por se tratar, então, de uma crítica à figura de Dilma como mulher sã, tornando seu suposto autoritarismo mais um reflexo de sua loucura, podemos notar os efeitos negativos dos discursos que ditam um padrão feminino a ser seguido, os quais estão tão introjetados em nossa cultura e que cegam os mais ferozes críticos de supostas injustiças e despautérios, fazendo-os reproduzi-los.

Nesse mesmo recorte, é colocado que “não precisa ser psicanalista para perceber que (...) a presidente desmantelou-se emocionalmente”, entretanto, como vimos no recorte 4, eles mesmos aportaram suas colocações na teoria de uma psiquiatra em uma tentativa de legitimá-las. Além do fato de psiquiatria e psicanálise serem bem distintas, o único momento em que se embasaram, ainda que de maneira insuficiente, em uma teoria, pode ser desconsiderado, já que, em seguida, eles colocam que não são especialistas em saúde mental. Apesar de esse ser um convite para o leitor endossar esse “diagnóstico”, é de se estranhar que toda essa conversa sobre loucura tenha sido feita sem nenhum aparato teórico.

Em seguida, a “análise” da revista toma um caráter histórico. Buscam indícios da “loucura” de Dilma em períodos anteriores ao difícil momento de crise, como podemos ver a seguir.

Recorte 7

Publicamente, a presidente tenta disfarçar seu estado de ânimo atual. Mas nem sempre é possível deixar transparecer serenidade quando, por dentro, os nervos estão à flor da pele. Seus últimos discursos refletem a tensão reinante nos corredores do Palácio do Planalto. Na quarta-feira 30, Dilma converteu o evento de entrega de moradias da terceira fase do Minha Casa Minha Vida em um palanque contra o impeachment. Na cerimônia, estiveram presentes integrantes de movimentos sociais, como o MST. Os representantes, – muitos deles chamados de última hora já que nenhum governador se dignou a ir e, dos 300 prefeitos convocados, só oito compareceram – , foram acomodados

em lugares destinados a convidados, onde entoaram gritos de guerra pró-governo mesmo antes de o evento começar. Os presentes chamaram o juiz Sérgio Moro, o vice Michel Temer e a OAB de “golpistas” e bradaram o já tradicional “não vai ter golpe”. **Detalhe: o coro foi puxado pela militante travestida de presidente da República.**²⁹

Ao levantarem o passado de Dilma, que gera muitas controvérsias por ter sido forte militante no período da ditadura militar, tentam alvejar seu caráter. Além do comentário transfóbico³⁰, colocando que a presidenta é uma “militante travestida de presidente da República”, causando um efeito de sentido negativo ao que se travestir significa, essa afirmação coloca que Dilma Rousseff não é uma presidenta (apesar de ter sido legitimamente eleita), mas uma militante que ocupa falsamente esse lugar.

Recorte 8

Durante a campanha eleitoral, **a presidente Dilma Rousseff pagou para seus marqueteiros desenvolverem e disseminarem o nocivo “discurso do medo”. Espalhou o pavor** entre os brasileiros mais carentes dizendo que, se seus concorrentes Aécio Neves (PSDB) e Marina Silva (na época no PSB) ganhassem a eleição, os programas sociais estariam em risco. Funcionou. Hoje, cara a cara com o impeachment, ela coloca sua tropa de choque novamente para atemorizar a população.³¹

Para deixar a imagem de malvada louca ainda mais consistente, a revista recorre ao “discurso do medo”. E que discurso seria esse? Vladimir Safatle, filósofo brasileiro, coloca em seu livro *O circuito dos afetos*, entre diversos outros conceitos, o de que a sociedade é gestada a partir de

²⁹ Grifos nossos.

³⁰ Consideramos, neste artigo, como transfóbica, qualquer atitude, dizer ou manifestação negativa em relação às pessoas travestis, transexuais e transgêneros, o que está se tentando fazer ao colocar que Dilma está travestida de presidente.

³¹ Grifo nosso.

sentimentos de medo e de esperança em que um não existe sem o outro. Independentemente de posicionamento ou hierarquia política, o medo e a esperança aparecem em nossos dizeres e em nossas ações. Em todo o terror midiático construído sobre uma temida esquerda comunista que parece estar umbilicalmente ligada ao PT, no recorte acima é trazido que os marqueteiros de Dilma, como integrantes de um BOPE humanitário, teriam inculcado nas propagandas partidárias que programas sociais estariam em risco caso a oposição ganhasse as eleições. Por mais que saibamos que esse tipo de colocação pode fazer com que as pessoas votem por medo de perder benefícios, os jornalistas colocam esse artifício somente como ligado ao PT e não a uma gestão social que mantém o mundo, não só o Brasil, tal como é.

Recorte 9

Não bastasse a repetição da retórica cretina da campanha eleitoral, **a presidente disse nos últimos dias que o que está se vendo o País é um verdadeiro “nazismo”**, sem lembrar que o discurso do “nós contra eles” foi gestado e cultivado por sua equipe.

A Presidenta fez diversas colocações infelizes durante todo esse processo, mas isolar uma menção feita ao nazismo para defender um ponto de vista, é desconsiderar o contexto em que isso foi dito, ponderando o fato de que ataques específicos à Dilma estavam sendo feitos por ela ser mulher, pois em nenhum momento foram feitas colocações contra suas habilidades reais e não mentais para governar um país. Tais ataques reafirmavam um conceito de nação como algo a ser colocado acima da individualidade da Presidenta e de possíveis falhas e fragilidades que, como ser humano, ela apresentou. Considerando esse cenário, acreditamos que foi um comentário desnecessário por parte da Presidenta, mas não sem razão, em uma tentativa de mostrar o que tem sido feito na mídia como um todo e também nessa reportagem: os supostos interesses da nação, de acordo com a reportagem, devem ser colocados acima da individualidade de Dilma, questionando sua moral, seu comportamento, os remédios que

toma e sua saúde mental, como um governo autocrático, por exemplo, da maioria da Câmara dos Deputados, da direita extrema e da mídia, que buscasse se sobrepôr de modo fascista à democracia, afinal, não importa se seu afastamento é constitucional ou não, mas, sim, que existe um bem maior a ser protegido e reconquistado, independentemente de como isso vá ser feito.

No fim da reportagem, ainda é apresentada uma analogia da presidente Dilma como a rainha Maria I, que podemos verificar no recorte a seguir:

Recorte 10

As diabruras de “Maria, a Louca”

Não é exclusividade de nosso tempo e nem de nossas cercanias que, na iminência de perder o poder, governantes ajam de maneira ensandecida e passem a negar a realidade. No século 18, o renomado psiquiatra britânico Francis Willis se especializou no acompanhamento de imperadores e mandatários que perderam o controle mental em momentos de crise política e chegou a desenvolver um método terapêutico composto por “remédios evacuentes” para tratar desses casos. Sua fórmula, no entanto, pouco resultado obteve com a paciente Maria Francisca Isabel Josefa Antônia Gertrudes Rita Joana de Bragança, que a história registra como “Maria I, a Louca”. **Foi a primeira mulher a sentar-se no trono de Portugal e, por decorrência geopolítica, a primeira rainha do Brasil. O psiquiatra observou que os sintomas de sandice e de negação da realidade manifestados por Maria I se agravaram na medida em que ela era colocada sob forte pressão.**³²

É dito que Maria I “foi a primeira mulher a sentar-se no trono de Portugal e, por decorrência geopolítica, a primeira rainha do Brasil”, logo, essa comparação não foi aleatória, visto que Dilma foi a primeira mulher a ocupar a presidência do Brasil. É colocado em evidência que as primeiras mulheres a assumirem cargos comumente atribuídos a homens foram loucas, histéricas. Além disso, foi colocado que mulheres não aguentam

³² Grifo nosso.

pressão desse tipo de cargo e de suas responsabilidades, reforçando mais um traço do estereótipo de mulher e sua loucura/histeria. Vemos, então, mais uma vez, o preconceito de gênero disfarçado de crítica política. Esse desfecho endossa o que apontamos durante a análise dessa reportagem: que não foi feita nenhuma crítica a Dilma enquanto presidenta, mas, sim, a Dilma enquanto mulher. Isso, pois, não foram questionadas suas decisões feitas como presidenta, mas seu comportamento demasiadamente histérico ou, como pudemos notar, demasiadamente feminino³³. Retomamos, então, Scott, quando diz que

[o] gênero foi utilizado literalmente ou analogicamente pela teoria política, para justificar ou criticar o reinado de monarcas ou para expressar relações entre governantes e governados. Pode-se esperar que tenha existido debate entre os contemporâneos sobre os reinos de Elizabeth I da Inglaterra ou Catherine de Médices na França em relação à capacidade das mulheres na direção política; mas, numa época em que parentesco e realeza eram intrinsecamente ligados, as discussões sobre os reis machos colocavam igualmente em jogo representações da masculinidade e da feminilidade (1995, p. 89-90).

A alta política, ela mesma, já é um conceito de gênero porque estabelece a importância decisiva de seu poder público, assim como suas razões de ser e a realidade da existência da sua autoridade superior, precisamente graças à exclusão das mulheres do seu funcionamento. O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino, ao mesmo tempo fundamentando seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Dessa forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero, tornam-se parte do sentido do poder. Colocar em questão ou mudar um aspecto desse sistema o ameaçaria por inteiro.

³³ Pelo que é considerado feminino nessa reportagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS IMAGENS DA BELA E DA FERA

Neste artigo apresentamos uma breve análise que convida os estudiosos da área a aprofundarem algumas discussões e diálogos acerca dos discursos sobre mulheres na mídia, seja de “belas, recatadas de ‘do lar’” ou de loucas e histéricas. Observamos nas matérias analisadas que a mulher é atacada por várias frentes em diversos ângulos. Marcela Temer, quando enquadrada no padrão ideal de mulher, e Dilma Rousseff, colocada enquanto histérica, mostra como os dizeres sobre o gênero feminino são construídos na sociedade, principalmente pela mídia. Pelo que vimos, cabe à mulher o governo dos espaços privados (mais especificamente, do lar) e aos homens a governabilidade pública, já que, enquanto Temer fuma charutos e toma vinho depois de exaustivos dias de trabalho, Dilma perde o controle de si (quem dirá do país) e é medicada para esquizofrenia.

O fato de as duas reportagens terem autoria ou coautoria de mulheres também não pode passar em branco, pois, por mais que haja editoriais e vertentes específicas tanto na *IstoÉ* como na *Veja*, ver que as críticas mais duras são trazidas por mulheres atacando outras mulheres, mostra o quanto discursividades que ditam um padrão feminino e que buscam cercear o comportamento, as ações, a carreira e os dizeres das mulheres, sobrepõem-se à individualidade daqueles que os reproduzem. Entretanto, é válido considerar que talvez colocar mulheres como autoras ou coautoras possa ser um subterfúgio para que a reportagem não seja taxada como machista.

Não buscamos, aqui, denunciar os autores dos textos em específico, mas lembrar que “posicionar-se implica em responsabilidade por nossas práticas capacitadoras” (HARAWAY, 1995, p. 27), ou seja, por mais que sejam somente posições-sujeito criadas a partir de determinado conceito, há uma responsabilidade sobre o que é dito e reproduzido em seus dizeres que, aqui, consideraremos saberes localizados em determinado acontecimento. Esses

[s]aberes localizados requerem que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um

escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento “objetivo” (HARAWAY, 1995, p. 36)

As colocações feitas em ambas reportagens acabam por legitimar uma realidade que as mulheres envolvidas não vivem, pois ambas exercem profissões na esfera pública e desconsideram toda a agenda normatizadora que busca regular o que é ser mulher, o que é feminino. Os saberes localizados que reproduzem são atores e agentes de um objetivo que busca cercar e limitar as mulheres a um lugar específico.

Mulheres em posição de poder geram críticas geralmente relacionadas à tirania e à loucura, tanto no governo quanto em cargos executivos. Desde a visão da mulher como “bela, recatada e ‘do lar’” a novas gerações de Marias Is, é mostrado como ainda prevalece a distância do gênero feminino de uma posição de domínio nas esferas de poder. Conquistamos espaços e direitos, mas ainda precisamos sujeitar nossos corpos ao Estado ou a maridos e provar nossa sanidade, diariamente.

No contexto do golpe político-midiático, perceptível nas reportagens analisadas, foi feito um cerceamento feminino de maneira mais contundente, buscando deslegitimar posições e engessar identidades. *Em Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*, Judith Butler coloca que, por vezes, discursos adquirem autoridade de produzirem o que nomeiam, por citarem convenções de autoridade, ou seja, essas reportagens que aqui analisamos, só tiveram espaço, repercussão e voz, por estarem reproduzindo convenções de autoridade que atravessam não só discursos midiáticos, mas dizeres sobre o feminino como um todo. Esses esquemas regulatórios, coloca a autora, não são estruturas intemporais, assim como as reportagens apresentadas não podem ser desprendidas de seu contexto de produção, mas são critérios historicamente revisáveis de inteligibilidade que produzem e submetem corpos que pesam, logo, fazem parte de uma continuidade histórica na qual estamos inseridos, e que reproduz a ideia de que existem corpos que importam mais do que outros, ou que pesam mais do que outros, por estarem submetidos e terem sido produzidos por determinada lógica.

Então, dados os resultados de análise,

[a]gora não é mais possível analisar discursos sobre gênero, onde quer que ocorram sem reconhecer as maneiras pelas quais estão implicados em processos mais amplos de mudança econômica e política muito além do controle das comunidades locais. A experiência pessoal do gênero e das relações de gênero está ligada ao poder e às relações políticas em diversos níveis. Uma consequência disso é que fantasias de poder são fantasias de identidade (MOORE, 2000, p. 35).

Isso, pois as imagens construídas, bela para Marcela e fera para Dilma, estão ligadas a uma situação política de disputa de poder que extrapola a individualidade dos autores, criando posições-sujeito que legitimam ideias fantasiosas de ambas as figuras, sendo fantasias de poder, mas também fantasias de suas identidades. Enquanto paira sobre Marcela a figura da mulher perfeita, que obedece a padrões estéticos e comportamentais independentemente de seus desejos e de sua individualidade, cola-se em Dilma um espectro de loucura, de descumprimento de regras e de convenções que a colocam em uma categoria de “submulher” ou até de “sub-humana”.

Como explicamos na introdução deste artigo, o uso de uma analogia com o conto “A Bela e a Fera” não foi em vão. No decorrer das análises tentamos ressaltar que, enquanto Marcela era, literalmente, tida como bela, Dilma foi colocada no lugar de fera. Entretanto, além disso, no fim do conto, a Bela e Fera encontram um ponto comum, assim como Dilma e Marcela. Para a Bela e a Fera, o amor era o que os unia, já para Dilma e Marcela, os sentidos do que é feminino na sociedade atual as normatiza e as faz serem categorizadas ignorando subjetividades ou qualquer item que as classifique como humanas, mas as colocam como peças de um jogo de poder, submetidas às suas regras, representando imagens específicas. Não buscamos, aqui, desfazer um feitiço para que a Bela e a Fera fiquem juntas, tal qual o conto, mas mostrar que a normatização do feminino é atroz e precisa ser discutida urgentemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: *Cadernos Pagu*, n. 5, 1995, pp.7-42.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- MOORE, Henrietta. Fantasias de Poder e fantasias de identidade: Gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu* (14), 2000.
- MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. (org.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres: Routledge, 1997. pp. 813-830. (tradução didática)
- ROCHA, Tiago H. Rodrigues. O que a histeria pós-moderna tem a denunciar? In: AMBRA, Pedro Eduardo Silva; SILVA JR. Nelson da (Orgs.). *Histeria e Gênero*. São Paulo: nVersos, 2014.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*. São Paulo, Cosac Naify, 2015.
- SCOTT, Joan. Gênero como categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, jul/dez 1995, pp. 71-99.

